

## VIDAS À MARGEM: FOLHA UNIVERSAL E AQUELES QUE ESCAPAM ÀS FRONTEIRAS

Marginal lives: Folha Universal and those who evade border

Gabriela Felten da Maia<sup>1</sup>

Felipe Viero Kolinski Machado<sup>2</sup>

Daniela Romcy<sup>3</sup>

### Resumo

A partir da análise de um ano de publicação (entre junho de 2013 a junho de 2014) do seminário Folha Universal, distribuída pela Igreja Universal do reino de Deus, procuramos discutir neste artigo como as sexualidades emergem. Tomamos por base a cartilha, denominada de manual do sexo, que visa discutir a sexualidade entre os fiéis, para discutir a produção de sentidos sobre temas como a homossexualidade, a prostituição, a transexualidade, entre outros. Levando em conta as discussões dos estudos feministas e da teoria queer problematizaremos como as sexualidades não hegemônicas apresentam-se como vidas à margem. Como aportes metodológicos utiliza-se a análise de discurso francesa e a semiosfera de Lotman (1995). Observamos que práticas como a prostituição e a homossexualidade aparecem como contraponto a uma sexualidade tida como “normal”, em que há uma necessidade de “recuperação” destes “sujeitos desviantes”..

**Palavras-chave:** Folha Universal. Sexualidades. Discurso.

### Abstract

Through the analysis of the period from June 2013 and June 2014 of the weekly Folha Universal, distributed by the Igreja Universal do Reino de Deus, we sought to discuss in this article how the sexualities emerge. We took the primer as basis, named handbook of sex, which aim at discussing sexuality between the followers, to discuss the production of meanings about themes such as homosexuality, prostitution and transexuality, among others. Taking the discussions of feminist studies and of the queer theory into account, we will problematize how the non-hegemonic sexualities present themselves as marginal lives. As methodological contribution, we use Lotmans studies about semiosphere and a French Discourse Analyses. We observe that practices such as prostitution and homosexuality appear as counterpoint to the sexuality taken as “normal”, where there is a need of “recovery” of these “deviant subjects”.

**Keywords:** Universal Leaf. Sexualities. Speech

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais (UFSM), Pesquisadora integrante do Grupo de Estudos em Gênero, Cultura e Saúde (GEPACS/UFSM), Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. E-mail: gabryelamaia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS, Brasil. Bolsista Capes. E-mail: felipeviero@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Sociais (UFSM), Pesquisadora bolsista do projeto Memória do Esporte nas cidades brasileiras, coordenado pelo Prof. Dr. Victor Melo, financiada pela Associação Ibero-Americana de Atletismo. Porto Alegre – RS, Brasil. E-mail: daniromcy@gmail.com

## Considerações Iniciais

Sendo a proposta deste evento, pensar as confluências entre religião, mídia e cultura, e, mais especificamente, deste simpósio temático em pensar as violências de gênero, propusemo-nos a problematizar as formas como a Folha Universal apresenta o sexo e a sexualidade. A motivação em escolher A Folha Universal se deve ao fato de ser um jornal de grande circulação, que hodiernamente, possui uma tiragem de mais de um milhão e que atua no Brasil desde 1992, ano de sua primeira edição e que é voltada principalmente aos sujeitos que comungam a fé cristã.

Este jornal além de informar, reproduz e produz formas de ser e estar no mundo, a partir dos preceitos que considera ser a verdadeira maneira de ser cristão. Assim, ela produz uma verdade sobre o sexo, calcado em seus preceitos religiosos, mas não só isso, para corroborar este discurso de verdade e legitimar o que expõe apresenta dados de pesquisas científicas, tanto no Brasil, como dos Estados Unidos, mostrando ao leitor que tais preceitos podem ser certificados também através da ciência, aumentando a legitimidade da matéria que expõe.

Ao todo foram analisados um ano de publicação de junho de 2013 e junho de 2014, pois acreditamos que ele seja ilustrativo da forma como o jornal tem tratado da temática. Ao longo deste um ano foram encontrados mais de 30 textos que envolviam sexo e sexualidade em mais da metade das publicações, corroborando o fato de o assunto ser corrente no periódico.

Observamos que a temática emerge de forma binária, considerando a oposição entre masculino/feminino, sexo possível e desejado/abjeção. Como resultado, situa os corpos e as experiências entre o que é considerado normal ou anormal, produzindo um silenciamento de outras formas de vivenciar a sexualidade, que emergem como desvio, produzindo, imposições simbólicas.

Nas falas que problematizaremos a seguir iremos separar as discussões em dois blocos para tornar mais fácil a síntese dos dados produzidos. No primeiro explicitaremos a forma como a igreja universal fala sobre a temática e no segundo como ela explora e as implicações na forma de ver as outras formas de vivenciar a sexualidade como desvios, tais como a transexualidade, a prostituição e a pornografia.

A exploração destes dados será feita a partir da análise do discurso francesa, do conceito de semiofera de Lotman (1995). E das teorias de gênero e sexualidade.

### **O imperativo do prazer: entre a norma e o desvio**

Na análise de um ano de edições podemos notar que A Folha Universal tem tomado a sexualidade de seus fiéis como um tema importante a ser debatido em suas publicações. Mais do que isso, antes de ser negada ou reduzida a uma dimensão reprodutiva, a sexualidade é um bem explorado para a vida satisfatória de um casal.

A centralidade da discussão da sexualidade entre os casais pode ser explicada a partir do que pontuam Dagmar Meyer, Carin Klein e Sandra dos S. Andrade<sup>4</sup> sobre o valor que nossa cultura tem dado ao prazer, felicidade e sexualidade. Para a autora, hoje vivemos, de forma intensa e explícita, em um tempo em que o amor e a sexualidade têm assumido importância para a vida humana, pois associada a realização prazerosa, tem aparecido como um dos ingredientes “ao qual todos/as estamos submetidos e a partir do qual somos valorados/as, classificados/as e posicionados/as como mais ou menos bem-sucedidos e saudáveis”<sup>5</sup>.

Trata-se, nas palavras de Michel Foucault<sup>6</sup>, de um dispositivo que institui o sexo como verdade sobre a constituição dos sujeitos ao centrar-se nas práticas sexuais, comportamentos, na problemática do corpo, na natureza do prazer e da sensação. Conforme Foucault:

O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global. Devem-se admitir, portanto, três ou quatro teses contrárias à pressuposta pelo tema de uma sexualidade reprimida pelas formas modernas da sociedade [...]; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder.<sup>7</sup>

Foucault argumenta que a “sexualidade” é uma tecnologia de saber e de poder que incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que constitui subjetividades, produzindo verdades sobre o que os sujeitos são. Essa tecnologia do sexo ao

<sup>4</sup> MEYER, Dagmar E.; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, 2007.

<sup>5</sup> MEYER et. al., 2007, p. 221.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

<sup>7</sup> Foucault, 2007, p. 118.

investir no corpo, em uma problemática da saúde e nas condições de seu funcionamento, constituiu a sexualidade como um domínio a ser conhecido. Como resultado tem-se a produção de um conjunto de efeitos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais.

Como afirma Jeffery Weeks “[...] os significados que damos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados, sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser”<sup>8</sup>. Assim, podemos destacar que a discursividade produzida em torno da sexualidade na Folha Universal reitera que ser feliz no casamento, dentre outras coisas, também envolve uma vivência plena da sexualidade, aparecendo como uma parte importante da vida de um casal para que se construa o companheirismo, o respeito, o compromisso e uma boa comunicação entre os cônjuges. O sexo aparece como “um selo que une o casal”. As reportagens caminham nesse sentido de explicitar ao casal que busque a satisfação no casamento em todas as esferas inclusive na sexual.

Respeito o meu marido e com muito prazer e sabe o que eu tenho em volta? Respeito também. Me visto discretamente, porque não sou uma qualquer, não sou um pedaço de carne, tenho valor. **Só o meu marido tem exclusividade ao meu corpo e minha sexualidade é só para ele.** Divulgo minhas diferenças que vão contra um monte de modinhas por aí sem um pingão de vergonha, e sabe por quê? Porque não sou vela, sou labaredas (CARDOSO, Cristiane, p.)

Por isso é importante, aos solteiros, que **esperem a pessoa certa, que os levará a um compromisso**, uma aliança, realizando-os em todos os sentidos. (CORREA, Jaqueline, pg 13, edição 1109)

A professora Andreia Pamplona, de 31 anos, nasceu numa família que a ensinou, desde cedo, a **importância de uma mulher se guardar para o marido, para a sexualidade é a soma de outros fatores importantes numa relação.** “Eu me guardei para depois do casamento. Por fidelidade a Deus, e porque, se fosse diferente, estaria ferindo minha crença”. (Da redação, pg 6l, Edição 1117)

**O sexo é a liga que aproxima o casal, mas ultimamente parece que essa cola tem faltado na maioria das casas.** Famílias desestruturadas, casais que só brigam e lares perdidos. Tudo isso pode ter uma origem: a vida sexual do casal. **A felicidade matrimonial está diretamente ligada à vida sexual. Afinal, sexo é somente aquilo que você pode fazer com o seu marido e ele com você.** (ARON, Amanda, pg B5, edição 1142)

Este modelo é tão importante para a construção sexual do sujeito religioso, que questões como essas são tratadas e debatidas em um evento chamado “casamento

---

<sup>8</sup> WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 43.

blindado”. Que tem como seus idealizadores e coordenadores, o pastor Renato Cardoso e sua esposa Cristiane, amparados em seus vivências empíricas, nas dificuldades pelas quais passaram para terem um casamento de sucesso. O objetivo do casal é mostrar como o homem e a mulher “funcionam”, a fim de que eles possam se entender e ter uma vida sexual mais prazerosa.

O que fica evidente é que a sexualidade recomendada, como forma integrante de um exercício prazeroso da conjugalidade, produz “formas aceitáveis e permitidas de se obter prazer sexual, a quem esse prazer está facultado e o que ou quem pode ser colocado como foco de nossos desejos eróticos e afetivos ‘normais’”<sup>9</sup>. As formas pelas quais a sexualidade pode ser exercida traduz-se na naturalização da heterossexualidade, a partir do valor da conjugalidade monogâmica. Nesse sentido, as múltiplas formas polimorfas da sexualidade são limitadas e canalizadas para a heterossexualidade e para a reprodução, sexualidades que fogem a este padrão ditado pelo dispositivo da sexualidade, constituem experiência de abjeção, na medida em que o padrão que institui a norma é constituído por uma sexualidade adulta, heterossexual, monogâmica, reprodutiva e familiar<sup>1011</sup>.

### **A norma como um discurso pedagógico**

Esta é a sexualidade “normal” e desejada disseminada por esse veículo de comunicação, mas para que este seja o modelo de normalidade há que se ter o seu inverso, o que não se considera “normal” ou desejável. Considerando que ao abordar a sexualidade entre o casal, a Folha Universal também está produzindo sentidos sobre o que é aceito e o que é rejeitado, acionamos o conceito de Semiosfera de Iuri Lotman.

Lotman<sup>12</sup> indica que os signos não devem ser percebidos e decifrados isoladamente, mas ser tomados em conjunto, constituindo, pois, um *continuum semiótico*, uma esfera que possui traços distintivos, somente dentro da qual os processos comunicativos e a produção de informações são possíveis. Sobre isso que denomina Semiosfera, o autor destaca que ela se encontra diretamente ligada a determinada homogeneidade e, ao mesmo tempo, individualidade, apontando, a partir daí, que é justamente essa composição interna

<sup>9</sup> MEYER et. al., 2007, p. 226.

<sup>10</sup> LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

<sup>11</sup> MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Dossiê Sociologias*, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p.150-182, 2009.

<sup>12</sup> LOTMAN, Iuri M. *La semiótica. Tomo 1: semiótica de la cultura y del texto*. Cátedra, 1996.

característica e diferenciada que a distingue daquilo que lhe exterior e, portanto, extra-semiótico a ela. Vale salientar, contudo, que isso não significa o mesmo que dizer que nesse espaço externo não haja produção de sentidos ou constituição de uma cultura.

O espaço “não semiótico” [...] pode resultar o espaço de outra semiótica. O que de um ponto de vista interno de uma cultura dada tem o aspecto de um mundo não – semiótico externo, da posição de um observador externo pode apresentar-se como a periferia semiótica da mesma. Assim, pois, da posição de um observador depende por onde passa a fronteira de uma cultura dada.<sup>13</sup>

Como se pode observar, outro conceito que aí se torna fundamental para compreender a Semiosfera é o de fronteira, a qual é percebida por Yuri Lotman não como um conceito artificial, mas como “uma importantíssima posição funcional e estrutural que determina a essência do mecanismo semiótico da mesma”<sup>14</sup> e como “um mecanismo bilíngüe que traduz as mensagens externas à linguagem interna da semiosfera e vice-versa”<sup>15</sup>.

Em face dessas definições, parece profícuo considerar alguns pontos e propor algumas correlações. Percebendo que os sentidos se materializam e se consolidam dentro desse espaço semiótico, que é nesse ambiente que a cultura se legitima, se transmite e que a memória social se define, e considerando, ainda, que aquilo que é externo a ela, ultrapassa as suas fronteiras, pode ainda ser traduzido e, por meio de distintas linguagens, ser compreendido pelos sujeitos que ali dentro se situam, pode-se afirmar que é somente na Semiosfera que o discurso pode circular, que as Formações Discursivas e Ideológicas dos dizeres podem ser reforçadas e que a materialização de signos, de ditos e de sentidos é possível.

O jornal Folha Universal, deste modo, constrói e normaliza uma determinada forma de viver a sexualidade e também constitui os modos de ser homem e mulher. Como indica Guacira Lopes Louro<sup>16</sup>, as noções de masculino e feminino são constituídas por um conjunto de recomendações que funcionam como uma norma que serve de referência a todos e estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Nesse

---

<sup>13</sup> LOTMAN, 1996, p. 29. Tradução nossa.

<sup>14</sup> LOTMAN, 1996, p. 26. Tradução nossa.

<sup>15</sup> LOTMAN, 1996, p. 26. Tradução nossa.

<sup>16</sup> LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

sentido, as matérias veiculadas pelo jornal também possuem uma função pedagógica de constituir os modos adequados para se viver a sexualidade.

Para Louro<sup>17</sup>, a pedagogia cultural toma os corpos como referência da identidade, construindo modos adequados de apresentá-lo, de olhá-lo e de senti-lo a partir da internalização de padrões culturais que torna viável determinados comportamento e sujeitos. Com efeito, constitui uma matriz de inteligibilidade cultural<sup>18</sup> que opera de modo reiterar as normas de gênero e de sexualidade pentecostal.

A inteligibilidade não é um campo fechado, mas produzido e sempre em transformação pelos repetidos atos que instituem normatividades e fronteiras. O reconhecimento de que o sexo deve ser bom e prazeroso, ao mesmo tempo que constitui um dispositivo que transforma a sexualidade nas novas formas de possuir qualidade de vida e saúde, desde que praticado somente no casamento, torna condenável toda prática que não seja realizada dentro de um contexto apropriado. Então, as concepções sobre a sexualidade buscam marcar as fronteiras entre o normal/esperado e o diferente, delimitando as condições de possibilidade de se viver a sexualidade. As identidades sexuais, as sexualidades não-hegemônicas, a prostituição encontram-se entre as práticas e modos de ser e viver a sexualidade que não habitam a norma, mas são necessários para constituir e entender essa norma.

### **Como e quando se classifica e determina o desvio?**

Se compreendermos, com Lotman, que a cultura e, antes dela, os sentidos mais básicos, se produzem dentro da semiosfera (desse espaço com fronteiras limitadas e limitadoras) podemos pensar que dentro dela estaria os corpos que pesam (os corpos que teriam peso, aqueles que não estariam à margem, mas que estaria no centro). Aproximando luri Lotman e Judith Butler<sup>19</sup> podemos pensar que dentro da semiosfera estariam significando aqueles corpos cujo pranto é legítimo e cujo peso é perceptível. Além da borda de uma cultura hegemônica, de um espaço de produção de sentidos válidos, haveria toda uma multiplicidade de corpos considerados abjetos, formando novas culturas, novas redes e

---

<sup>17</sup> LOURO, 2007.

<sup>18</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>19</sup> BUTLER, Jufith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

novas semiosferas, portanto, mas que se situam em uma posição de contra hegemonia/subalternidade. Podemos pensar no exterior constitutivo levantado por Butler<sup>20</sup>, ou seja, por menos peso que tenham, esses corpos e essa cultura definem também os corpos com peso e a cultura dominante.

O jornal em questão, nesse sentido, poderia ser pensado como produto cultural e simbólico que pertence e articula sentidos dentro dessa semiosfera dominante, falando sobre gêneros e sexualidade de um ponto de vista heterossexual, heteronormativo e machista. Práticas, corpos e experiências que não englobem a sexualidade hegemônica pentecostal aparece como fora da norma, apresentado pelo jornal com o intuito de alertar o seu leitor de que não são estes modelos de comportamento os aceitáveis. Dentre estes aparecem algumas matérias sobre prostituição como sexo vil, “somente para a satisfação dos prazeres”, em que a mulher é colocada como vítima da sociedade e precisando de ajuda para sair:

Mesmo como o sofrimento, **a moça demorou para sair da prostituição. A falta de apoio e a necessidade de dinheiro** falavam mais alto do que a própria valorização. “O senhor da mulher que faz programas é o dinheiro, assim como ela é pisada e tratada como objeto pelo cliente, ela quer passar por cima, quer ter dinheiro pra ter poder” (Da redação, pg B9, edição 1127)

“Eu tinha empregos, mas ainda fazia programas, **era como se eu não tivesse controle sobre a minha vida. Aceitei um convite para uma reunião da Universal** porque queria investir na minha família”, relembra. Em uma semana ela parou de usar drogas e encontrou palavras de conforto e incentivo. (CAMPBELL, Rê pg 5/6, edição 1149)

A pornografia aparece nas reportagens como um vício a ser combatido, uma doença a ser tratada:

[...] “**o homem que está viciado em pornografia está condicionando a mente e o próprio corpo a depender daquilo para ele sentir qualquer coisa. Não há como ele se beneficiar disso**”. É importante avaliar as consequências destas ações e ter a consciência de quanto elas podem repercutir de forma negativa na vida íntima, seja individual ou numa relação a dois. (Da redação, pg 3, edição 1122)

“**A pornografia começa como algo inocente, mas a pessoa vai buscando cada vez mais, e aquilo se torna uma compulsão, a ponto de virar um peso, um vício, uma escravidão**”. É uma prática que isola a pessoa”, aconselha Renato. (CAMPBELL, pg 5, edição 1130)

---

<sup>20</sup> BUTLER, Judith, 2001.



E a transsexualidade apontada como uma conduta fora dos padrões morais e também passível de recuperação do sujeito, pois ele acaba sofrendo e não sendo plenamente feliz. Em um dos casos mencionados temos a história de Natan e de seu sofrimento ao mudar de sexo. No outro a história de Ednei que deixou a transsexualidade e as drogas ao mudar de vida e reconhecer o seu próprio gênero.

O excesso de medicamento e cirurgias para torná-la um homem a transformou em uma pessoa irreconhecível até mesmo para ela própria. “Eu havia preparado uma festa para comemorar o meu próprio nascimento, mas na primeira vez que me vi no espelho, **tive aversão ao meu novo corpo**”. (Da redação, pg 3, edição 1125)

“Eu refleti como estava a minha situação e vi quantas coisas ruins aconteceram comigo, enquanto eu vivi como transsexual. Eu estava perdendo tudo. Perdi emprego, usei drogas, entrei na prostituição, trouxe tristeza aos meus pais, destruí minha vida, **e no fundo nunca tinha sido feliz**. Ali eu reconheci que precisava mudar e deixar tudo pra trás” (CRUZ, Daniel Cruz, pg 7, edição 1143)

Temos aqui para análise, que semelhantes no sentido de demarcar as sexualidades consideradas a margem, demarcam o que se considera como “sexo ruim” em uma comparação ao “sexo bom”. A abjeção parece ser interessante para estes sujeitos/práticas que se colocam às/nas margens. Para Butler<sup>21</sup>, a abjeção é aquilo que não pode ser nomeado a partir da matéria, e então, a transsexualidade aparece como um bom exemplo, mas pode ser também, num jogo da própria cultura que se quer mostrar, aquilo que escapa a norma, como a prostituição e a pornografia. Pois todas estas práticas e sujeitos estão fora do modelo de inteligibilidade cultural para a folha universal.

Neste sentido a teoria queer se torna essencial para pensar a “ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação”<sup>22</sup>.

O gênero aparece como uma categoria fundante no modo como a experiência sexual é vivenciada, na medida em que as trajetórias masculinas e femininas são radicalmente distintas, sobretudo em função da maneira como as expectativas e as aspirações em relação à experimentação sexual são marcadas pelo gênero na tradição ocidental. Deste modo, gênero e sexualidade estão interligadas, mas não são a mesma coisa. O que é importante notar que ambas identidades são construídas:

<sup>21</sup> BUTLER, Judith, 2001.

<sup>22</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 47.

Se os gêneros são significados culturalmente assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gênero culturalmente construídos... Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que *homem* e *masculino* podem com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.<sup>23</sup>

A grande questão quanto a sexualidade, parece ser o embate à uma sociedade que vive uma “heterossexualidade compulsória” ou seja, que vive segundo Butler<sup>24</sup>, um esquema de sexo/gênero/desejo, onde o seu sexo biológico(macho/fêmea), é definidor do gênero(masculino/feminino), que pó sua vez, é determinante nas formas de expressar o desejo pelo sexo oposto.

### Considerações Finais

Tendo em vista isso, temos que contestar as formas sociais que tomam a heterossexualidade, primeiro, como uma oposição a homossexualidade e, segundo, como um fator exclusivamente “natural”, fazendo com que estes sujeitos que não fazem parte deste jogo sexo/gênero/desejo sejam tomados como abjetos, não sendo sujeitos de direitos, pertencentes a uma segunda classe social.

Apresentar a sexualidade como uma parte importante da vida dos sujeitos, mas de sujeitos heterossexuais que estão vivendo em comunhão, como a Folha Universal faz, cria, através de uma pedagogia, discursos de saber-poder que naturalizam e engendram, tanto o gênero quanto a sexualidade e criam dualidades e binarismos hierarquizantes. Concordamos com Louro, na desconstrução destes modelos, pois:

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e -- o que é ainda mais complicado -- que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.<sup>25</sup>

Assim, a sexualidade deve ser pensada a partir de um parâmetro plural, que englobe todas as formas de expressar o prazer, que de alguma forma englobe todas as formas do indivíduo se expressar e formar sua identidade, sejam elas heterossexuais ou não.

<sup>23</sup> BUTLER, Judith, 2003, p. 24

<sup>24</sup> BUTLER, Judith, 2003.

<sup>25</sup> LOURO, 2004. p. 28.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

LOTMAN, Iuri M. *La semiótica. Tomo 1: semiótica de la cultura y del texto*. Cátedra, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pedagogias da sexualidade*. In: \_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. *Pró-posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 10 ago 2009.

MEYER, Dagmar E.; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. *Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a09n46.pdf>> Acesso em: 15 set. 2010.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. *Dossiê Sociologias*, Porto Alegre, a. 11, n. 21, p.150-182, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2013.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: Louro, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-83.